

A DISCIPLINA DO CORPO FEMININO EM **SENHOR DIRETOR**,
DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias (UFS)¹

Este trabalho analisa a postura disciplinante da personagem Maria Emília no conto “Senhor Diretor” (1977), de Lygia Fagundes Telles, escritora que não perde de vista as mudanças sociais, culturais e políticas do seu tempo. Nesse conto, Maria Emília é bastante moralista e possuidora de um discurso disciplinante muito rígido. Em oposição a tal comportamento, o universo cultural à sua volta reproduz um corpo liberado e sexualizado. Diante desses opostos, investiga-se como o corpo disciplinado de Maria Emília contradiz aos valores moralizantes da sociedade militar e patriarcal da época. Para isso, aplicam-se conceitos dos estudos de gênero numa perspectiva feminista, assim como as idéias sobre o discurso, o poder e a sexualidade de Michel Foucault.

A respeito da sexualidade Foucault constrói uma nova hipótese a cerca da sexualidade humana, para ele a sexualidade esta não pode ser compreendida apenas como um fator biológico, mas sim entendida como um produto da estimulação dos corpos, do reforço dos controles e da resistência no qual o discurso social tenta reprimir os prazeres proibidos para as margens, já que o puritanismo moderno impõe seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo.

Dessa forma devemos entender a mesma como uma construção social. Se a sexualidade está ligada ao poder do discurso, então é porque o colocamos em lugar de destaque, porém os únicos que tem o poder de desarmá-lo somos nós, pois “o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 2006, p. 07). Então, o homem constrói, através de séculos, a repressão referente à sexualidade. No conto Senhor Diretor, Maria Emília é o exemplo do discurso repressivo, a personagem é a representação do discurso irônico a respeito da sociedade patriarcalista brasileira.

No conto, Maria Emília é descrita no texto como uma mulher de meia idade, aposentada, solteira e de caráter severo e moralista, cabe lembrar que “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2006, p. 36). O discurso dessa personagem fixa limites o tempo todo.

Moradora da cidade de São Paulo, Maria Emília tem como melhor amiga Mariana uma mulher de meia idade, mas com personalidade muito diferente da nossa protagonista. A história começa numa banca de revista quando Maria Emília se depara com uns noticiários de jornal que tratavam de seca no Nordeste e cheia na Amazônia, ao ler a notícia à personagem depara-se com uma revista que na capa trazia fotos de um casal em cenas sensuais, assim que observa a foto nossa protagonista muda logo à

¹ Graduada em Letras pela UEPB, pós-graduanda em Ensino de Português e Literatura pela UFS.

feição através de um olhar severo, comparando tal cena às cidades bíblicas Sodoma e Gomorra, cidades descritas como pecaminosas.

Para a rigidez e controle de Maria Emília, tudo que é produzido pela mídia é considerado foco de imoralidade e por isso deve ser combatida para não afetar os indivíduos de boa moral como ela mesma se identifica. Esse olhar da personagem é parte de um universo social no qual, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2006, p. 52-3).

E para combater o que ela é promiscuidade, Maria Emília tenta escrever mentalmente uma carta para o diretor do Jornal da Tarde criticando as matérias que conspurcam os cidadãos de boa conduta, sendo as maiores vítimas as crianças. A carta ao diretor do jornal pode ser comparada a um diário, pois nessa carta Maria Emília relata os seus dias, seus traumas e insegurança diante de uma sociedade em transformação, já que o enredo da história é retratado na década de 60.

Senhor Diretor antes de tudo quero me apresentar, professora aposentada que sou paulista (...) que tomou a liberdade de lhe escrever porque ninguém mais lhe ocorre expor sua revolta, mais do que revolta, seu horror diante desse espetáculo que a nossa pobre cidade nos obriga a presenciar desde o instante que se põe o pé na rua. (TELLES, 1977, p.15).

As décadas de 60 e 70 tiveram grande importância para a formação da sociedade atual. Neste período da história uma grande revolução comportamental tomou conta do mundo como intensificação do movimento feminista e dos movimentos sociais a favor dos negros e homossexuais e das minorias. Na atualidade, “Não se trata, bem entendido, nem de sucessão dos instantes do tempo, nem da pluralidade dos diversos sujeitos pensantes; trata-se de censuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis” (FOUCAULT, 2006, p. 58).

O mundo criava uma nova perspectiva de vida que aos poucos foi modelando alguns comportamentos de certos segmentos sociais, de acordo com Paes (2004), o fator primordial para essas transformações culturais e políticas forma os tempos de prosperidades empreendidos nas décadas de 60 e 70, o capitalismo nesse momento estava no auge, à propaganda seria a alma do negócio, como observamos neste trecho “Mariana ouvia a publicidade na tevê, no rádio, entrava e comprava tudo, até pílulas homeopáticas” (TELLES, 1977, p.18).

A família da década de 60 e 70 no Brasil é caracterizada a partir de modelo patriarcal como foi exposto anteriormente, o padrão marital burguês é baseado em idéias tradicionais do homem protetor como afirma Xavier, essa característica do homem protetor é também abordada na obra de Michel Foucault, que segundo o autor desde a Antiguidade Clássica o homem é tido como o provedor e senhora da família nuclear, essas atribuições do homem como chefe do lar ao poucos foi ganhando força e alimentando o sentimento de autoritarismo exercido pelo pai.

Elódia Xavier defende a idéia que a família é o lugar de adequação social do indivíduo, e principalmente o responsável direto pela maioria dos conflitos narrados, no qual “o casamento era um contrato socioeconômico que não pressupunha afinidades afetivas e nem sexuais” (XAVIER, 2006). A família através de seu núcleo reprime e condiciona o ser de acordo com sua realidade tornando assim suas ações muitas vezes conflitantes e repressoras. Para Xavier, a mulher é uma dos focos principais dessa

repressão, geralmente a problemática feminina é bastante abordada em vários textos de autoria feminina. Em nosso caso o personagem em conflito é Maria Emília que representa o discurso demagogo da sociedade patriarcalista em que vive.

A família nuclear burguesa tem sido alvo das críticas da narrativa do modernismo brasileiro, os conflitos de origem familiar é a grande tematização desses conflitos, na literatura brasileira, principalmente de autoria feminina, que através das suas obras conseguem tornar externos os efeitos de repressão sofridos pelas mulheres ao longo dos anos. Como foi dito anteriormente, a família torna-se o núcleo dos conflitos vividos pelos seus personagens, no conto Senhor Diretor, Maria Emília, uma mulher absorvida pela vida, está condenada a viver o resto dos seus dias policiando todos os seus atos e desejos mais íntimos do seu ser.

Numa passagem do texto, Maria Emília demonstra a sua preocupação com a violência que vem crescendo no mundo “Que estamos nos afastando cada vez mais de um planeta de paz e nos aproximando rapidamente de outro planeta só de aflição, só de violência” (1977). Mas tal preocupação que a personagem apresenta a cerca da violência, não a questão de insegurança e sim de como a sociedade capitalista vem influenciando de forma demasiada à questão do consumo em larga escala e para ela é uma influência extremamente negativa como verificamos nesta passagem do texto “é preciso alertar as autoridades, temos que neutralizar essa influência perversa” (TELLES, p.18).

O que percebemos no conto é a inadaptação da personagem em relação às mudanças que estão ocorrendo no seu tempo principalmente no que diz respeito às questões relacionadas à sexualidade, que muitas vezes são banalizadas e criticadas por Maria Emília. Para ela a mídia, a televisão, os meios de comunicação tem sido fatores de corrupção da boa moral “Senhor Diretor esses programas deturpam nossas crianças inocentes, e o filme que fizeram com a manteiga!” (1977).

A personagem está em constante vigilância, não pode baixar a guarda precisa a todo custo deter as más influências o sexo está em todos os lugares é preciso manter o corpo vigiado para não cair em tentação, sendo o mundo televisivo maior dos vilões.

A coisa que invadiu a intimidade dos nossos lares, não tem filhos, é lógico, mas se tivesse estaria agora desesperada, essa mania de iniciar crianças, esses livros esses programas infantis (...) o que a tevê está exorbitando de um modo geral é nos impor a imagem da boçalidade e digo resistir a comprar uma (TELLES, 1977, P.16).

Para a personagem a tevê é um meio de comunicação que deturpa os bons costumes da sociedade e das famílias em geral, para ela tal objeto propício uma péssima influência para formação do caráter das pessoas e que as crianças são as mais atingidas por esse veículo de comunicação negativo. E para enfatizar mais o seu discurso de repúdio a mesma radicaliza ao afirmar que resistiu para não comprar a televisão livrando-se assim da má influência.

Um das preocupações de Maria Emília é manter a sexualidade e o desejo vigiado. Para ela, essa exposição demasiada ao sexo é muito perigosa, pois o homem corre o risco de se corromper pela banalidade do “o sexo”. Mas essa preocupação não é só um cuidado com a sociedade de um modo geral e sim uma preocupação da mesma em cair em contradição com o próprio discurso empreendido. E para não “falhar” é preciso fazer algo e a única forma que tem para fugir de tanto assédio é lutar contra. É preciso estar sempre vigilante. “Mas sou sozinha e, às vezes, a solidão é perigosa. A perigosa solidão. Mas fico vigilante...” (1977). Quando a personagem afirma que é

preciso sempre ficar vigilante, pois a nossa sociedade nos impõe uma vigilância que controla, organiza, seleciona e redistribui todos os nossos procedimentos. E os maiores tabus estão na política e sexualidade onde os discursos não um elemento neutro e transparente.

O corpo é um elemento que para Maria Emília deve estar a todo o momento sendo vigiado, é preciso não ceder aos impulsos orgânicos, o medo de quebrar a regar a faz ser impassível em relação ao sexo. Uma moça de família e solteira deve conter-se para que mais tarde não sofra recriminação alguma por qualquer atitude mal pensada, uma moça “direita” deve abster-se de qualquer fato que a coloque numa condição desagradável diante os seus.

De acordo com Elódia Xavier em *Que corpo é esse?*, a história da humanidade revela características importantes a respeito da conceitualização do corpo que no decorrer dos longos anos da história da humanidade sempre foi posto a margem, sendo assim enfatizado a mente humana “Para Platão, o corpo é uma traição da alma e da razão e da mente, que são aprisionadas pela materialidade corporal” (2007). Essa pesquisadora, ao longo da sua obra, discorre como o processo histórico patriarcal influenciou a disciplinarização do corpo humano.

O catolicismo distingue claramente corpo e alma, o primeiro sendo uma matéria pecaminosa e lasciva e a alma matéria divina. O corpo não era valorizado, pois de toda forma um dia iria sucumbir e virará pó. Esse discurso repressivo em relação ao corpo vem perdurando a muitos anos trazendo consigo seqüelas culturais e sociais até então indissolúveis em alguns casos. No conto analisado, a disciplina do corpo feminino está associada ao patriarcalismo da nossa sociedade que tem origem desde os senhores de engenho até os dias atuais. No livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre é um bom exemplo do patriarcalismo na região Nordeste no período do auge da cana-de-açúcar. Para o autor, o senhor-de-engenho era a representação do poder, da ordem e da virilidade, enquanto os demais, mulheres, crianças e escravos tinham valor e secundário e insignificante neste contexto patriarcal.

O homem no contexto histórico sempre foi o centro das decisões familiares, a família é um núcleo fechado que gira em torno da figura paterna, a vida dessas pessoas dependem das decisões tomadas pelo provedor que é homem. “A vida de um dono de casa (...) e de todos os outros se organizam, do qual derivam e ao qual devem sua força” (FOUCAULT, 2004, p. 8). Reforça-se mais uma vez a figura central do homem no seio familiar. A figura paterna sempre passou uma imagem de segurança e virilidade, a imagem falocêntrica está acima de tudo, o sexo sobrepõe-se ao sentimento. Já a figura feminina tem um papel coadjuvante, cabe a ela apenas aceitar decisões do marido, do companheiro, a organização das tarefas domésticas, a educação dos filhos conformes os ditames sociais.

Maria Emília não seria a vilã da nossa história, mas sim a vítima de toda a sacralidade exigida por uma sociedade machista e autoritária. Que disciplina o indivíduo de uma forma que o mesmo torna-se refém de um sistema. Maria Emília é a refém da história, a vontade de viver plenamente e sexualmente ao poucos foi condicionada a um padrão patriarcal, o corpo não mais a pertence “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações e proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1987, p.18). Assim o corpo disciplinado de Maria Emília se opõe ao feminismo e aos ideais modernistas.

Descobrir o corpo para a personagem, é um fato pensado, mas não executado, o corpo deve ser vigiado frequentemente, pois o mesmo encontra-se dominado por estruturas muito fortes que chamamos de instituições que são no caso da personagem muito enfatizadas como: a Família, a Igreja e o Estado, que podemos representar pela figura do **Senhor Diretor**, que Xavier afirma que são agentes que têm uma participação no que diz respeito à dominação. Com isso observa-se que o **corpo disciplinado** de Maria Emília vai repetir as regras do patriarcado e repete a visão da família tradicional como algo como uma instituição que deve ser mantida. Para o leitor atento, cabe a leitura da ironia que essa personagem representa, pois os significados do texto apontam para uma visão da família dessacralizada. A sutileza da criação literária proporciona essa inversão de valores. Tal forma de oposição ao corpo disciplinado de Maria Emília pode ser observada pela ironia do título e da idéia da carta que não é escrita.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **A mulher e os rapazes da história da sexualidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2004.

XAVIER, Elódia. A família no banco dos réus. *In: Revista Eletrônica Interdisciplinar*, Itabaiana: EdNUL, 2006. Acessada em julho de 2007. Endereço eletrônico: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/links/edic_interdisc.htm

_____. **Que corpo é esse?**. Florianópolis: Mulheres, 2007.